

EDITORIAL

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO: MOBILIDADES E ESPAÇOS EM MEDIAÇÕES E DISPUTAS

Camila Maria dos Santos Moraes

Marina Leitão Damin

A expressão “memórias em movimento” sintetiza a perspectiva deste dossiê e marca a conclusão do projeto *Memórias em movimento: novas tecnologias de informação e comunicação para consolidação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS/UNIRIO)*. Desenvolvido no âmbito do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) - Pós-Doutorado Estratégico, com financiamento da CAPES entre 2022 e 2026, o projeto resultou da autoavaliação do PPGMS referente ao quadriênio 2017-2020, de seu planejamento estratégico para 2021-2024 e de experiências de pesquisa, extensão e internacionalização mediadas por tecnologias digitais.

Entre as experiências de internacionalização, em 2021, o PPGMS participou da organização da Escola de Ciência Avançada em Mobilidades, em parceria com os Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Turismo da Universidade de São Paulo. Realizada integralmente on-line, a Escola reuniu pesquisadores brasileiros e estrangeiros situados em diferentes países. A participação bem-sucedida do PPGMS na edição de 2021 levou à incorporação da Escola ao projeto de Pós-Doutorado Estratégico. Em 2023, as atividades combinaram encontros na UNIRIO e na USP; em 2025, a programação presencial nas duas universidades foi complementada por atividades virtuais. Essas experiências mostraram que as tecnologias digitais não constituem meros instrumentos auxiliares, mas reorganizam as escalas de participação, a circulação de saberes e a cooperação institucional.

Em 2023, foi oferecida a disciplina Tópicos Especiais em Memórias e Mobilidades, com o objetivo de aprofundar o diálogo entre o paradigma das mobilidades (Sheller; Urry, 2006, 2016) e os estudos da memória social. Nela, buscamos explorar as contribuições analíticas, conceituais e metodológicas da “virada das mobilidades” para o campo. Parte

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

dos trabalhos apresentados neste dossiê resulta das edições de 2023 e 2025 da Escola de Ciência Avançada em Mobilidades e da disciplina oferecida pelo PPGMS.

A contribuição central deste dossiê consiste em aproximar os estudos brasileiros da memória social do paradigma das mobilidades, compreendendo a memória como prática simultaneamente situada e circulante, produzida no presente por relações entre narrativas, imagens, afetos, instituições e territórios. Não basta, portanto, perguntar onde uma memória se localiza; é preciso pesquisar como ela circula e se transforma, como ganha visibilidade, quem pode colocá-la em movimento e quais infraestruturas, resistências, fricções e formas de (i)mobilidade condicionam seus trajetos (Adey, 2006; Freire-Medeiros; Lages, 2020; Freire-Medeiros; Magalhães; Menezes, 2023; Tsing, 2005).

Embora próxima da noção de “memórias em trânsito”, acionada pela *Memory Studies Association* em sua conferência de 2024 e retomada no dossiê organizado por Ulfe e Tamayo-Plazas (2026), permite compreender memórias que atravessam lugares, grupos, gerações, temporalidades, lutas sociais e formatos midiáticos. Quando falamos de “memórias em movimento” buscamos enfatizar não apenas a circulação, mas também as mediações, interrupções e desigualdades que produzem ou restringem essa circulação.”

Ao se deslocarem, essas memórias não permanecem idênticas, incorporam novas mediações, encontram resistências, adquirem outros sentidos e produzem regimes diferenciados de visibilidade. Em um cenário marcado pela intensificação dos fluxos transnacionais, pela hipermobilidade de pessoas e objetos culturais e pela expansão das tecnologias de comunicação, emergem práticas, formas e espaços mnemônicos anteriormente inexistentes. O trânsito das memórias, portanto, não corresponde apenas a uma mudança de lugar ou de escala, ele transforma as lembranças, seus agentes, seus suportes e os sentidos em diferentes contextos.

MEMÓRIA, LUGAR, MOBILIDADES E MEDIAÇÕES SOCIOTÉCNICAS

Para Milton Santos (1985), o espaço não é um recipiente neutro, mas uma realidade social produzida pelas relações entre objetos, ações, técnicas e temporalidades. Essa compreensão dialoga com a abordagem apresentada no livro *The Routledge Handbook of Memory and Place*, organizado por De Nardi et al. (2020), no qual a relação entre memória, lugar e identidade é tratada como um processo dinâmico, vivido, político e interdisciplinar. Nessa perspectiva, lugares são produzidos, transformados e disputados por práticas de lembrança e esquecimento, deslocamentos, narrativas, rituais, patrimônios e experiências corporais. Do mesmo modo, a memória circula entre sujeitos e grupos, adere a objetos e paisagens, sobrevive à destruição física dos lugares e se modifica conforme se alteram os contextos sociais.

Nesta mesma linha, Allis, Moraes e Sheller (2020), defendem que as mobilidades turísticas abrangem não apenas o movimento de pessoas, mas também de imagens, objetos, informações, narrativas e imaginários que participam da produção dos lugares. O espaço deixa, assim, de ser concebido como realidade fixa e passa a ser observado como configuração continuamente refeita por trajetórias, práticas, afetos e mediações. Lugares e memórias são produzidos tanto por deslocamentos físicos quanto comunicacionais, imaginativos e virtuais.

No contexto contemporâneo, as tecnologias digitais intensificam e reorganizam esses movimentos. Plataformas estruturam interações, processam dados e estabelecem regimes de visibilidade, não podendo ser tratadas como ambientes neutros (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018).

Fotografias, vídeos, áudios, mensagens, mapas e textos imersos no online atuam como objetos digitais mediadores de memória, dependem de infraestruturas técnicas, mas também condensam experiências, afetos, interpretações, além de uma carga política e simbólica (Damin, 2024). Como observa Van Dijck (2007), esses objetos não são apenas depósitos do passado; fazem a mediação nas relações entre pessoas, espaços e temporalidades e participam das condições em que as memórias são organizadas, acessadas e reconhecidas publicamente.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

As relações entre lugar, mobilidade e mediação técnica adquirem uma dimensão explicitamente política no chamado giro ativista dos estudos da memória. Gutman e Wüstenberg (2023) situam o ativismo da memória na interseção entre os estudos da memória e os estudos dos movimentos sociais, voltando a atenção para práticas por meio das quais diferentes atores procuram transformar os sentidos públicos do passado. Lembrar, nessa perspectiva, não significa apenas representar uma experiência anterior, mas intervir no presente, reivindicando visibilidade, reconhecimento, direitos e transformações políticas. Monumentos, arquivos, rituais, performances, narrativas territoriais, mapas e objetos digitais podem tornar-se meios pelos quais grupos ativam lembranças, contestam silenciamentos e disputam sua inscrição no espaço público.

Essa dimensão participativa aparece também na noção de tecnologia social da memória proposta por Worcman e Garde-Hansen (2016). As autoras compreendem o trabalho memorial como prática na qual histórias de vida são registradas, organizadas e transformadas em narrativas capazes de circular entre pessoas, comunidades, instituições e diferentes meios. Ao tomar as experiências de sujeitos comuns como ponto de partida, essa abordagem favorece formas compartilhadas de autoria, pertencimento e ação social. As tecnologias deixam de ser apenas suportes de divulgação e passam a integrar metodologias que articulam memória, mídia e participação.

A aproximação entre ativismo da memória, tecnologia social e ambientes digitais, contudo, exige evitar tanto uma oposição rígida entre on-line e off-line quanto uma leitura celebratória da digitalização. Plataformas, mapas e redes sociais podem ampliar o acesso às narrativas, criar públicos, conectar grupos e favorecer práticas colaborativas. Ao mesmo tempo, enquadram a atenção, selecionam conteúdos, organizam regimes algorítmicos de visibilidade, reproduzem desigualdades e submetem práticas memoriais a infraestruturas comerciais. A abundância de registros não garante preservação, democratização ou justiça memorial; pode também produzir dispersão, obsolescência, dependência técnica e conflitos relacionados à privacidade, à autoria e ao esquecimento.

Esse quadro conceitual permite compreender a memória como prática produzida na articulação entre lugares, deslocamentos, corpos, objetos, tecnologias e relações de

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

poder. Essas relações não constituem dimensões abstratas, mas se manifestam em experiências sociais concretas, nas quais lembranças são ativadas, transmitidas, disputadas e transformadas. Os artigos reunidos neste dossiê exploram essas dinâmicas em diferentes contextos, acompanhando como as memórias circulam entre produções culturais, ambientes digitais, territórios e movimentos sociais, ao mesmo tempo que permanecem condicionadas por desigualdades, infraestruturas e formas específicas de mediação.

OS ARTIGOS DO DOSSIÊ

Os textos reunidos podem ser lidos em três eixos complementares: mediações culturais e digitais; memória, território e ação coletiva; e, políticas da memória, desigualdades e precariedades do espaço.

O primeiro eixo reúne os trabalhos sobre televisão, literatura e mediações digitais. O artigo *Das telas às redes e aos tours: as telenovelas entre a memória e o turismo*, de Maria Alice de Faria Nogueira e Flávia Périssé Nolasco da Costa, acompanha, por meio de métodos móveis e da técnica de sobreposição, o fluxo entre imagens televisivas, redes sociais, turismo e deslocamentos urbanos. A partir dos perfis @sabeaquela e @riocasas&prediosantigos, o texto mostra como locações são revisitadas, fotografadas, comentadas e reencenadas. A cena televisiva deixa de pertencer apenas ao arquivo audiovisual e passa a orientar trajetos, despertar afetos e produzir novas camadas de leitura dos lugares. A memória audiovisual torna-se, assim, simultaneamente imaginativa, digital e corporal.

O artigo *Turismo literário e mediação tecnológica: a rota Machado de Assis pelas lentes das mobilidades*, de João Freitas e Lucas Gamonal Barra de Almeida, propõe o conceito de dispositivo de mobilidade narrativa para examinar como um itinerário digital converte a obra literária em prática espacial no centro do Rio de Janeiro. Ao articular mobilidades físicas, comunicacionais, imaginativas, virtuais e de objetos, o estudo evidencia a ambivalência da mediação técnica: a rota amplia o acesso à obra e produz novas experiências urbanas, mas também orienta percursos, hierarquiza informações e

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

enquadra a atenção. Patrimonializar a literatura por meio de plataformas envolve, portanto, escolhas interpretativas e políticas.

No segundo eixo, o artigo *Multiplicidade de mobilidades e memória social: a Feira do Boiadeiro na Rocinha como um lugar de memória do Nordeste*, de Mariana Vieira Souza Pereira e Rafael Soares Gonçalves, compreende a feira como lugar de memória do Nordeste na favela. Observação participante e entrevistas de história oral mostram como alimentos, músicas, falas, gestos, economia popular e encontros cotidianos articulam deslocamentos regionais, sociabilidades e pertencimentos. A memória não aparece como marco fixo, mas como prática ativada pela repetição, pela convivência e pela reconstrução de vínculos em outro território.

Também nesse eixo, o artigo *MST, mística e memória: a esperança no habitar camponês*, de Maria Celeste Lustosa e Rodrigo Machado Vilani, analisa a Mística no Assentamento Dênis Gonçalves, na Zona da Mata de Minas Gerais. O estudo interpreta essa prática do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra como ação memorial, pedagógica e política. Ao mobilizar corpos, símbolos, performances, narrativas e afetos, a Mística preserva a memória da luta pela terra e atualiza um projeto coletivo vinculado a agendas anticoloniais, antirracistas, antipatriarcais e de preservação ambiental. O texto mostra que a memória pode constituir simultaneamente transmissão de experiências, formação política e ativismo.

Abrindo o terceiro eixo, o artigo *Aportes para pensar políticas de memória no paradigma das mobilidades: a dicotomia subúrbio x Zona Sul na cidade do Rio de Janeiro*, de Gabriel da Silva Vidal Cid passa das práticas territoriais específicas para a distribuição desigual de monumentos, instituições, narrativas oficiais, ausências e reivindicações sociais. A perspectiva das mobilidades permite perguntar quais narrativas circulam, quais permanecem confinadas e quais precisam deslocar-se para conquistar reconhecimento. Ao aproximar política memorial e justiça espacial, o estudo evidencia que a cidade não lembra de modo homogêneo: há zonas de consagração, zonas de esquecimento e territórios de contestação.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

A entrevista com Renato Miguel do Carmo, *Mobilidades, precariedades e espaço compósito*, realizada por Diego E. Peralta e Guilherme Aderaldo, encerra o dossiê ao colocar a precariedade no centro da reflexão sobre mobilidades e espaço compósito. Nem todo movimento é livre, desejado ou igualmente possível. A capacidade de comunicar, permanecer ou acessar tecnologias é atravessada por desigualdades de classe, raça, gênero, território e reconhecimento político. Pensar o espaço compósito significa reconhecer que material e digital, presença e distância, fixidez e deslocamento se combinam de maneira desigual. A entrevista impede que o paradigma das mobilidades seja reduzido à celebração do movimento e recoloca as condições materiais da vida no centro do debate.

Em conjunto, os textos mostram que a memória social se constitui em movimento, mas não em um fluxo abstrato ou indiferenciado. Nas telenovelas e redes sociais, transita entre ficção, cidade, turismo e nostalgia; na Rota Literária Machado de Assis, converte-se em experiência urbana mediada por tecnologia; na Feira do Boiadeiro, materializam-se práticas culturais e afetivas que atravessam territórios; na Mística do MST, torna-se performance política e pedagogia da luta; nas políticas de memória do Rio de Janeiro, revela disputas pela ocupação simbólica e material do espaço; e, na entrevista, é interrogada a partir das precariedades que condicionam mover, permanecer, lembrar e pertencer.

Investigar memórias em movimento requer métodos capazes de acompanhar sujeitos, objetos, imagens e narrativas entre espaços físicos e digitais, observando não apenas seus pontos de ancoragem, mas também os trajetos, interrupções, enquadramentos e desigualdades que condicionam sua circulação. Observação participante, história oral, métodos móveis, sombreamento, análise de plataformas, estudo de rotas digitais, pesquisa bibliográfica e entrevistas não são apenas técnicas de coleta, mas modos de seguir práticas e mediações que atravessam diferentes suportes e escalas.

“Memórias em movimento” designa, assim, uma agenda de pesquisa que articula memória social, mobilidades, produção dos lugares, mediações sociotécnicas, ativismo e

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

precariedade. Este dossiê buscou, assim, contribuir para os estudos da memória ao concebê-la como prática simultaneamente situada e circulante, produzida por deslocamentos, mediações e relações de poder. Boa leitura!

REFERÊNCIAS

ALLIS, Thiago; MORAES, Camila Maria dos Santos; SELLER, Mimi. Revisitando as mobilidades turísticas. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 271-295, 2020. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v31i2p271-295.

ADEY, Peter. If mobility is everything then it is nothing: towards a relational politics of (im)mobilities. **Mobilities**, v. 1, n. 1, p. 75-94, 2006.

DAMIN, Marina Leitaõ. **Lembrar e esquecer: O ciclo de vida dos objetos digitais no Instagram**. Editora Appris, 2024.

DE NARDI, Sarah; ORANGE, Hilary; HIGH, Steven; KOSKINEN-KOIVISTO, Eerika (org.). **The Routledge handbook of memory and place**. Abingdon; New York: Routledge, 2020.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Maurício Piatti. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 123, p. 121-142, 2020. DOI: 10.4000/rccs.11193.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; MAGALHÃES, Alexandre; MENEZES, Palloma. Mobilidades e infraestruturas: algumas possibilidades interpretativas. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 11, n. 28, p. 5-23, 2023. DOI: 10.20336/rbs.976.

GUTMAN, Yifat; WÜSTENBERG, Jenny. Introduction: the activist turn in memory studies. In: GUTMAN, Yifat; WÜSTENBERG, Jenny (org.). **The Routledge handbook of memory activism**. Abingdon; New York: Routledge, 2023. DOI: 10.4324/9781003127550-2.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning A**, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006.

_____. Mobilizing the new mobilities paradigm. **Applied Mobilities**, v. 1, n. 1, p. 10-25, 2016.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Friction: an ethnography of global connection**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

ULFE, María Eugenia; TAMAYO-PLAZAS, María Angélica. Memories in transit: circulations, contestations and transformations. **Memory Studies**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 3-11, 2026. DOI: 10.1177/17506980251408326.

VAN DIJCK, José. **Mediated memories in the digital age**. Stanford: Stanford University Press, 2007.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: public values in a connective world**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

WORCMAN, Karen; GARDE-HANSEN, Joanne. **Social memory technology: theory, practice, action**. New York: Routledge, 2016.

SOBRE AS AUTORAS

Camila Maria dos Santos Moraes

Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), atua nos cursos de Bacharelado em Turismo e Licenciatura em Ciências Sociais, e nas Pós-Graduações em Ecoturismo e Conservação (PPGEC) e Memória Social (PPGMS). Coordenadora do projeto *Memórias em movimento: novas tecnologias de informação e comunicação para consolidação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS/UNIRIO)*, desenvolvido no âmbito do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação Pós-Doutorado Estratégico (CAPES)
camila.moraes@unirio.br

Marina Leitão Damin

Professora auxiliar da Universidade Estácio de Sá dos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo. Pós-Doutorado Estratégico pelo Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) da Capes com o projeto *Memórias em movimento: novas tecnologias de informação e comunicação para consolidação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social*. Doutorado e Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO.
mldamin@gmail.com